



A ARQUITETURA COMO OBJETO DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL NA CIDADE DE ALTO CAPARAÓ

Autor: Marina Vilaça de Carvalho

Orientador: Melanie Marian León Graça

Curso: Arquitetura e Urbanismo Período: 9º

Área de Pesquisa: Arquitetura Institucional

Resumo: Estudo sobre a arquitetura social e cultural unida ao turismo e a sustentabilidade. O conceito de cultura aplicado na cidade de Alto Caparaó com necessidade e a importância de um espaço adequado que potencialize a identidade local do centro leste da zona da mata, e incentive o desenvolvimento de atividades socioeconômicas paralelamente ao desenvolvimento turístico local. Este espaço deve ter como prioridade a busca pelo equilíbrio e integração com o espaço patrimonial natural, propondo estratégias de sustentabilidade, como o uso de materiais de baixo impacto ambiental, tornando-se um elemento integrador aliado ao potencial já explorado que abrange um cenário turístico. O foco social e cultural melhora relevantemente uma comunidade voltada ao comércio interno, ao café e ao turismo, para que a qualidade de vida seja agradável e exista uma melhor prestação de serviço nessas áreas onde a cidade pode se destacar na região. A presente pesquisa tem por objetivo analisar estudos de caso, fluxos e utilização de espaços aplicados no conceito social, cultural e recreativo unindo à sustentabilidade, tornando a estrutura um atrativo turístico, e ainda explorar espaços para a capacitação da população em atividades correlacionadas com a economia local e estudar potenciais econômicos no aspecto social.

Palavras-chave: CENTRO CULTURAL. CENTRO SOCIAL. SUSTENTABILIDADE. TURISMO.

1. INTRODUÇÃO

O complexo social, cultural e recreativo funciona como um espaço fundamentando em filantropia em que cada centro atende pela realidade e necessidade da região que está inserido com oficinas. Esses são necessários para a integração dos moradores e o desenvolvimento das cidades sócio-economicamente, além de ser direito segundo a Constituição da República Federativa do Brasil no Art. 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. No Brasil, as diferenças sociais fazem com que a população segregada não tenha as mesmas oportunidades de interação, lazer e aprendizado de outras classes, gerando uma segregação ainda maior e O desenvolvimento do lazer está distante de ser igualitário para os diferentes níveis da sociedade (Silva, Lopes, Xavier, 2009). A implantação desses complexos melhora na capacitação dos habitantes, visando à economia da cidade inserida e os meios de fonte de renda, gerando empregos e melhorando os serviços oferecidos. Além disso, o envolvimento da comunidade com as atividades trabalham na formação de caráter social e empático. Bem como trata de valores culturais e humanos incentivando o interesse por essa marca juntamente com o social e o lazer.

Entretanto, apesar dos direitos legalmente garantidos e benefícios, boa parte da população brasileira não tem acesso e não usufrui de atividades culturais e de lazer por falta de condições financeiras e de políticas públicas direcionadas a estes setores (Silva *et al.*, 2009).

A cidade de Alto Caparaó, Minas Gerais, da microrregião de Manhuaçu, com 5.297 habitantes, segundo Censo IBGE de 2010. Cidade com clima tropical de altitude que recebe visitas de turistas de forma contínua, sendo um atrativo financeiro na área turística. A visibilidade do turismo e cafés especiais da região faz com que a cidade cresça em um ritmo acelerado, causando características de um crescimento desordenado de pólos urbanos, estabelecendo a cultura da ausência de infraestrutura e organização urbana. Apesar de toda atenção voltada ao turismo, a cidade oferece algumas ações sociais que são executadas pelas igrejas e pelo CRÁS, Centro de Referência de Assistência Social. Essas ações sociais ocorrem através do esporte para adolescentes, oficinas como de pintura, música, artesanato e organização de ginástica e eventos da terceira idade. Essas apresentam decadência, muitas oficinas chegaram ao fim por desinteresse da população, que em maior parte é carente.

Desta forma, ressalva-se a necessidade e a importância de um espaço adequado que potencialize a identidade local do centro leste da zona da mata, e incentive o desenvolvimento de atividades socioeconômicas paralelamente ao desenvolvimento turístico local. Este espaço deve ter como suma importância a busca pelo equilíbrio e integração com o espaço patrimonial natural, propondo estratégias de sustentabilidade, como o uso de materiais de baixo impacto ambiental, tonando-se um elemento integrador aliado ao potencial já explorado que abrange um cenário turístico.

Sendo assim, a presente pesquisa tem por objetivo analisar estudos de caso, fluxos e utilização de espaços aplicados no conceito social, cultural e recreativo unindo à sustentabilidade, tornando a estrutura um atrativo turístico, e ainda explorar espaços para a capacitação da população em atividades correlacionadas com a economia local e estudar potenciais econômicos no aspecto social.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O conceito, a sustentabilidade e turismo na complexidade de uma edificação

2.1.1. O conceito social, cultural e recreativo funcional.

Na concepção de cultura, a definição é de um sistema de significados que surge através da interação social dos indivíduos, que elaboram o que pensam e sentem, constroem seus valores e identidades (BOTELHO, 2001).

Vale nesta linha de continuidade a incorporação da dimensão antropológica da cultura, aquela que, levada às últimas conseqüências, tem em vista a formação global do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco (BOTELHO, 2007).

Deste modo, os benefícios para a sociedade foram concluídos por técnicos em educação patrimonial chamados a Brasília, em 1997, pelo IPHAN para elaborar um plano que ainda define a importância desse âmbito.

- 1 – Tornar acessível, aos indivíduos e aos diferentes grupos sociais, os instrumentos e a leitura crítica dos bens culturais em suas múltiplas manifestações, sentidos e significados.
- 2 – Propiciar o fortalecimento da identidade cultural individual e coletiva, reforçando o sentimento de autoestima, considerando a cultura brasileira como múltipla e plural.
- 3 – Estimular a apropriação e o uso, pela comunidade, do Patrimônio Cultural que ela detém e pelo geral é também responsável.
- 4 – Estimular o diálogo entre a sociedade e os órgãos responsáveis pela identificação, proteção e promoção do Patrimônio cultural, propiciando a “troca” de conhecimento acumulado sobre estes bens.
- 5 – Experimentar e desenvolver metodologias de Educação Patrimonial, que permitam um processo contínuo de conhecimento e compreensão e avaliação dessas ações.
- 6 - Promover a produção de novos conhecimentos sobre a dinâmica cultural e seus resultados, incorporando-os às ações de identificação, proteção e valorização do Patrimônio Cultural no nível das comunidades locais e das instituições envolvidas. (FERREIRA, 1997, p. 03)

O centro social, cultural e recreativo, é movido primordialmente por um bom conceito, como afirma Antonieta Macciochi quando dizia que a cultura é o espaço das ideias, pois diferente disso os seres humanos caem na vulgaridade, essas devem ser adequadas ao processo de planejamento de um Centro cultural, social e recreativo de acordo com a realidade do local implantado. Entretanto, desde muito tempo várias boas idéias foram insuficientes para que impedisse o fracasso de uma infraestrutura tão complexa social e culturalmente. Sem um bom planejamento de projeto, em conjunto a essas ideias, muita criatividade é desperdiçada. O empreendedorismo cultural e social, em algumas exceções, não sabe responder a

quais pessoas a informação é dirigida, com quem ela compete, como será comunicada e outros objetivos que antes devem ser traçados. Criando um problema grave, uma vez que as numerosas infraestruturas que conectam a cultura, lazer e turismo ao conhecimento e valores humanitários geram uma responsabilidade de qualidade e planejamento aos profissionais do setor cultural, na opinião de Ferran Mascarell I Canalda (2006).

A definição de projeto segundo David Roselló (2006): “um projeto cultural é uma sequência ordenada de decisões sobre tarefas e recursos, encaminhadas para alcançar certos objetivos em determinadas condições” sendo então um conjunto de valores, ideias, orientações e diretrizes que uma organização quer desenvolver. Quando não corresponde essa vontade prévia ao proposto e executado, seja porque não está bem definida ou não existe, o projeto torna-se simplesmente um ato mecânico. Como uma máquina que funciona bem, mas não sabe para que serve. Outro problema é que os planejamentos são projetados para a sociedade hoje, e a gestão envolve antecipação, planejar hoje para atender as necessidades da sociedade amanhã principalmente quando a visualização do impacto gerado pelas intervenções costuma ocorrer a longo prazo (Roselló, 2006).

Ainda sobre esse planejamento, precisa-se de uma preocupação quanto as escolhas sustentáveis para que as pessoas usufruam dessas ideias ao decorrer do tempo (Swarbrooke, 2000).

Por “sustentável” geralmente queremos dizer “desenvolvimento que satisfaz nossas necessidades hoje, sem comprometer a capacidade das pessoas satisfazerem as suas no futuro”. Trata-se, portanto, de uma perspectiva a um prazo mais longo que o usual ao tomarmos decisões, e envolve uma necessidade de intervenção e planejamento. O conceito de sustentabilidade engloba claramente o meio ambiente, as pessoas e os sistemas econômicos. (Swarbrooke, 2000)

2.1.2. Desenvolvimento sustentável e aplicabilidade ao conceito

O uso dos recursos naturais, mais presente e eficaz pós Revolução Industrial, trouxe um impacto das atividades humanas ao meio ambiente. De acordo com MAGRINI (2001), a degradação eram problemas locais, não interferindo no âmbito global. Decorrente da Segunda Guerra Mundial, que gerou um grande desequilíbrio econômico, houve uma maior utilização dos recursos tecnológicos consequentemente maior lançamento de resíduos ao meio ambiente. “Além disso, os riscos do desequilíbrio ambiental ameaçam o planeta, o homem e a vida de muitas espécies” (ONU, Comissão Brundtland, 1987).

Muito se foi discutido a respeito de sustentabilidade para reduzir tais impactos. Palavra que foi mencionada pela primeira vez no Dia da Terra, em junho de 1970, veio para substituir ecologia dando um conceito mais extenso que ainda é discutido e indefinido (Ramírez, 2008). A definição de Desenvolvimento Sustentável que serve como uma condução do conceito foi dada pela secretaria geral da Assembleia da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, da ONU, Gro Harlem BRUNDTLAND “Um desenvolvimento que responda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de responder às suas próprias necessidades” (ONU; COMISSÃO BRUNDTLAND, 1987).

De certo modo a arquitetura esteve ligada a sustentabilidade desde o início, afirmação decorrente do fato de que o ser humano buscou a interação ao meio

ambiente para suprir as adversidades locais. “A arquitetura deve ter tido uma origem simples no esforço primitivo da humanidade por alcançar uma proteção contra a inclemência do tempo, animais selvagens e os inimigos humanos” (FLETCHER, 1896). Entende-se que por uma questão natural as pessoas procuram habitações que se adaptem ao clima, principalmente. “A disposição de uma casa terá sido bem escolhida, se para construí-la, tiver-se tido em conta o país e o clima” (VITRUVIO, séc 1 a.C) e Viollet-le-Duc fala sobre a especificidade de cada lugar “o que convém a um clima, não necessariamente convém a outro” (CHATELET, *et al.*, 2005).

A arquitetura evoluiu suas tecnologias junto aos acontecimentos globais, passando pela citada Revolução Industrial que trouxe grandes inovações. O Brasil foi parcialmente atingido por essas evoluções, porque dependia de um desprendimento histórico e tradicional para seguir um padrão modernista que causava um receio (MAGRINI (2001). O Arquiteto Lúcio Costa, expressou-se sobre este assunto:

É, entretanto, fácil de discernir, na análise dos inúmeros e admiráveis exemplos que nos ficaram, duas partes independentes: uma permanente e acima de quaisquer considerações de ordem técnicas; outra, motivada por imposições desta última, juntamente com as do meio social e físico. Quanto à primeira, prende-se a nova arquitetura às que já passaram, indissoluvelmente; e nenhum contato com elas tem quanto à segunda, porquanto variaram completamente as razões que lhe davam sentido, e o próprio fator físico-ambiente – último traço de união que ainda persistia com ares de irredutível – já hoje a técnica do condicionamento de ar neutraliza e, num futuro muito próximo, poderá anular por completo (COSTA, 1936).

Ainda que ele demonstre valorizar os aspectos culturais, entende que a relação da arquitetura ao meio ambiente inserido precisa tomar uma posição vigente. Na arquitetura coexistiram tendências contraditórias nesse período até os dias de hoje, de um lado uma movimento que busca integração e harmonia com a natureza, por outro lado a valorização da tecnologia (ZAMBRANO, 2008).

Em grande parte do século XX o houve uma busca para recuperar o rompimento histórico causado pelo modernismo, após a imposição do Estilo Internacional em diversas partes do mundo. Na Europa e Estados Unidos desenvolveu-se a Arquitetura Solar, para suprir a crise energética daquele momento. Essa arquitetura buscava reduzir as energias não renováveis (FERNANDEZ, 2007), conhecendo o entorno e potenciais recursos energéticos da região. Neste período buscou-se então técnicas de favorecer a térmica no inverno das edificações, aproveitamento de iluminação natural, porém essa tecnologia veio a ser questionada pelo desconforto causado no período do verão. Embora não tenha sido tão bem sucedida, os conhecimentos e técnicas desenvolvidos, foram utilizadas na chamada Arquitetura Bioclimática, que surgiu posteriormente com interesse de aprofundar e abranger essas técnicas (ZAMBRANO, 2008). O termo bioclimático refere-se a relação entre os seres vivos e o clima, a busca pela melhoria do conforto de um espaço. Não se trata de uma aparência particular, mas de uma característica de uma interação do entorno com o objeto arquitetônico. Trata-se, segundo Fernandez (2007), de uma arquitetura, que além de estética, funcional, sensorial, cultural, explora também uma melhor relação com a natureza.

O processo de amenizar o impacto ambiental chamado de diretriz de sustentabilidade é composto de ferramentas analisando características sociais,

culturais e econômicas de cada local. Essas diretrizes vêm sendo pesquisadas por estudiosos preocupados com o problema. Entre essas as mais pesquisadas e utilizadas são os sistemas de refrigeração passiva, fontes alternativas de energia, reutilização de água da chuva, reuso de águas servidas, reutilização de materiais de construção e utilização de materiais alternativos. Nas cidades em crescimento acelerado e turismo, esse impacto acontece mais rapidamente, fazendo da arquitetura sustentável ainda mais importante e necessária (Scocuglia e Costa, 2008).

A imagem cultural resgata o sentido do lugar, afirmação de Christian Norberg-Schulz, deste modo a sustentabilidade significa proteger e prolongar o que culturalmente liga as pessoas aos lugares. Essa cultura associa-se ao social porque ela também conecta diretamente a participação de seus usuários. Em vista disso, nota-se que a imagem é importante, com seus valores culturais, técnicas e estética, mas a sustentabilidade que vai além da imagem, com aspectos de preservação ambiental, respeito à tradição e cultura permite a perduração de uma implantação com propósitos que visam atender a ligação humana ao cultural hoje no futuro (ZAMBRANO, 2008).

2.1.3. A arquitetura como atrativo turístico

O turismo cultural é a exploração e interesse das pessoas por algo deixado entre as gerações que possuem caráter histórico. A arquitetura em si tornou-se a maior atração entre as obras de arte, e dentre todos os monumentos urbanos. Embora em atrações isoladas a arquitetura brasileira está se preparando para unir-se ao turismo sendo atrativo ao que já possui valor. Essa conexão gera interesse ao turista, por conhecer através de um espaço sobre outro momento, outra cultura, outra realidade diferente da que este já estaria acostumada. Seja por ter ouvido falar, por algum acontecimento importante, por suas características físicas, esses locais atraem por curiosidade e vontade de que as pessoas possam retirar algo relevante daquele local. O produto turístico baseia-se em experiências intangíveis, não é algo padronizado, mas vividas e sentidas pela visão particular do turista. (DURAND, 2007).

O turismo tende a crescer na economia brasileira, partindo do pressuposto de que todos de alguma forma já viajaram ou pretendem viajar. Visto que é uma atividade impulsionada pelo desejo de conhecer a cultura do outro. Essa atividade gera aspectos positivos como a valorização do artesanato local, herança cultural, vivência emocional, melhoria na infra-estrutura pública e gera emprego e renda. A valorização da sociedade através do turismo cultural, caracteriza uma identidade que diferencia uma cidade das outras, então:

Uma população sem patrimônio é um conjunto de pessoas sem história, sem cultura, sem tradição. Determinado bem cultural não precisa necessariamente possuir atratividade turística, mas o cuidado e o interesse por parte dos residentes não deve deixar de existir (GOMES, 2007, p.2.)

As formas de uso devem ser voltadas para a população e a partir daí, gerar uma atração turística de interesse na cultura local. Para que se tenha respeito à cultura, estilos artísticos, economia, tecnologia, entre outros, precisa diretamente condizer com a realidade.

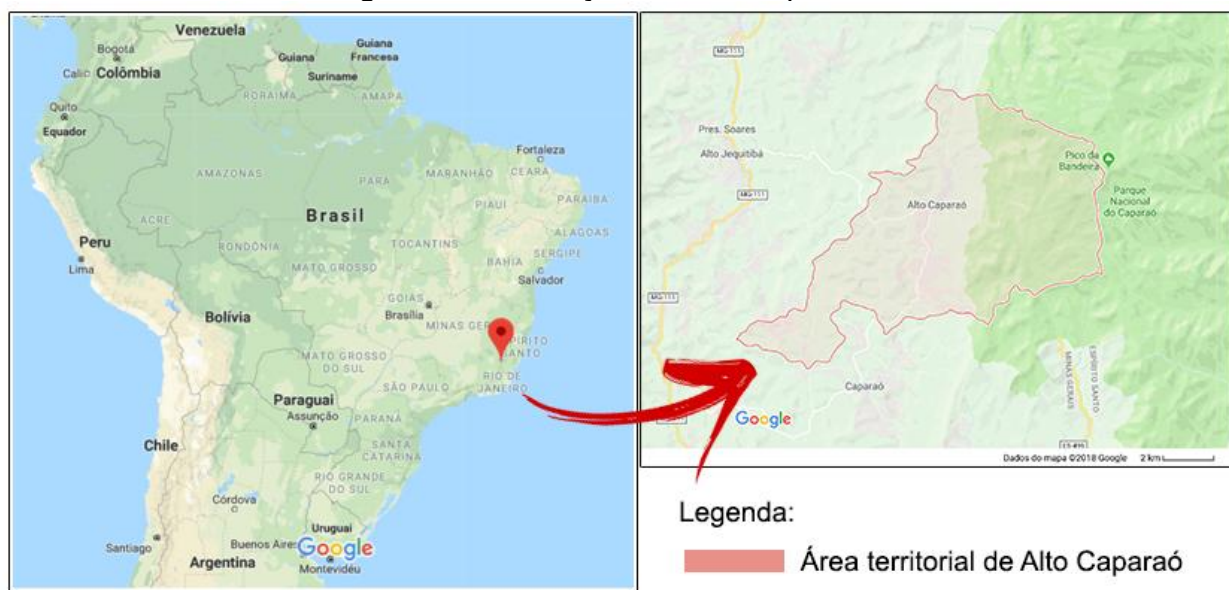
3. METODOLOGIA

O tipo de pesquisa utilizada foi artigo de revisão, discutindo informações já publicadas sobre caráter qualitativo com o objetivo de estudar particularidades para entendimentos de motivos. Fornecendo informações sobre o problema em questão, Complexo Cultural, Social e Recreativo, com finalidade de informação e resoluções de problemas existentes ou hipotéticos. Através dessa pesquisa busca-se conhecer e utilizar os pontos fortes dos métodos escolhidos, eliminando ou reduzindo as desvantagens. Promover estratégias que integrem a cidade, a economia, o social e a sustentabilidade ao turismo. Usufruindo das oportunidades locais.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

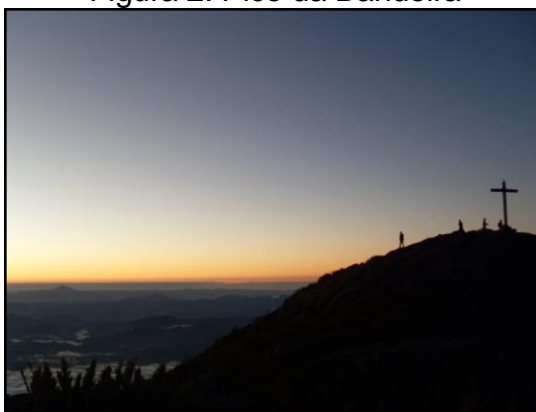
A cidade em análise, Alto Caparaó, se encontra na mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais (Figura 1). A região é marcada pelo seu relevo que forma uma paisagem natural que abriga o terceiro ponto mais alto do país, Pico da Bandeira (Figura 2) com 2.892m de altitude, que atrai muitos turistas ao ano. O Parque Nacional do Caparaó (PARNAC) é uma das áreas de preservação da mata atlântica mais representativa da região, além da reserva proteger as nascentes de três importantes bacias hidrográficas que são os rios Itabapoana, Itapemirim e Doce que banham a cidade com exuberantes cachoeiras (Figura 3) e diversas espécies ameaçadas de extinção da fauna e flora (ICMBio, 2018).

Figura 1: Localização de Alto Caparaó



Fonte: Google Maps, 2018.

Figura 2: Pico da Bandeira



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3: Cachoeira Bonita – Reserva PARNAC



Fonte: Prefeitura Municipal de Alto Caparaó, 2018

Além disso, a cidade é conhecida internacionalmente pela exportação dos cafés especiais que tem crescido em dedicação dos cafeicultores nessa área. No entorno da cidade a plantação de café é notoriamente predominante, sendo uma das principais economias da cidade. Esses chamados cafés especiais tem acrescentado ao turismo a visita em fazendas especializadas. A agricultura, o turismo e o agroturismo tem sido o foco de crescimento da cidade, existe uma necessidade de atenção para a população que continue conversando com o entorno.

Segundo o IBGE (2010), a cidade com população de 5.297 habitantes possui apenas um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) que oferece algumas atividades como cursos de maquiagem, violão, artesanato e pintura, também são oferecidas aulas de exercício físico e eventos para a terceira idade durante o ano todo, já as aulas de dança e artes marciais são inabituais. Essas atividades disponibilizadas para a sociedade precisam cumprir uma porcentagem considerável de atendimento exclusivo da população carente, que pouco se interessa. A sociedade influencia decisivamente na identidade do ser inserido, onde surge a responsabilidade de cuidar e manter para que esses resultados continuem sendo positivos e progridam desde a infância até a vida adulta. De fato, uma criança que é incentivada na educação cresce com intenção de buscar conhecimentos nas áreas atuantes, seja no

trabalho, lazer e qualquer inserção na sociedade, para exercê-las da melhor maneira (DEFLEUR, 1993). Deste modo, é de suma importância um complexo cultural, social e recreativo que continue o processo de educação, conhecimento e lazer iniciado nos lares e posteriormente no ensino fundamental com um peso cultural que permite que esse processo de evolução perdure e trabalhe de forma atuante nas famílias que precisam de especializações para uma renda que exceda a época da colheita do café, gerando também interesse nas famílias mais carentes que sofrem de desigualdade social.

Através das vertentes da cidade em análise nota-se a necessidade de um Centro Cultural e Social, feito então abaixo um levantamento de dados de centros relevantes na sua inserção e seus aspectos. No Brasil um deles é o Centro Cultural do Jabaquara, em São Paulo – SP (Figura 4), restaurado e ampliado visto que tinha a necessidade de suprir a escassez de movimentos culturais na região e pela possibilidade de criar uma identificação cultural na paisagem urbana. O primeiro ponto em destaque desse projeto é o terreno acidentado, com a inserção de forma que a edificação de três pavimentos tenha o térreo subterrâneo para não prejudicar a paisagem modesta, sendo o último piso um terraço aberto com um mirante para a paisagem (Figura 5). Uma edificação que se adéqua a paisagem, causando um impacto positivo e uma maior aceitação, permitindo a contemplação do que já existia.

Figura 4: Centro Cultural do Jabaquara.



Fonte: Shieh Shueh Yau e Gustavo Neves da Rocha Filho 2017

Figura 5: Vista do terraço.



Fonte: Shieh Shueh Yau e Gustavo Neves da Rocha Filho 2017

Outro ponto é a conexão da edificação com o paisagismo, os caminhos (Figura 6) que percorrem o terreno para acesso aos pavimentos vindo das ruas, da avenida e

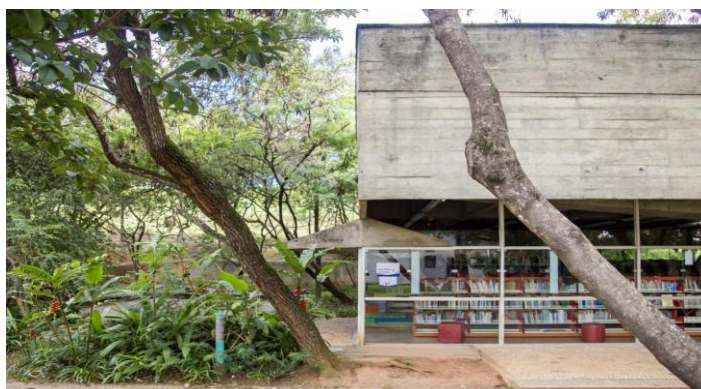
até mesmo de um pavimento ao outro devolve o conforto para a edificação que foi diminuída pela arquitetura brutalista de concreto (Figura 7).

Figura 6: Caminhos externos de conexão.



Fonte: Shieh Shueh Yau e Gustavo Neves da Rocha Filho 2017

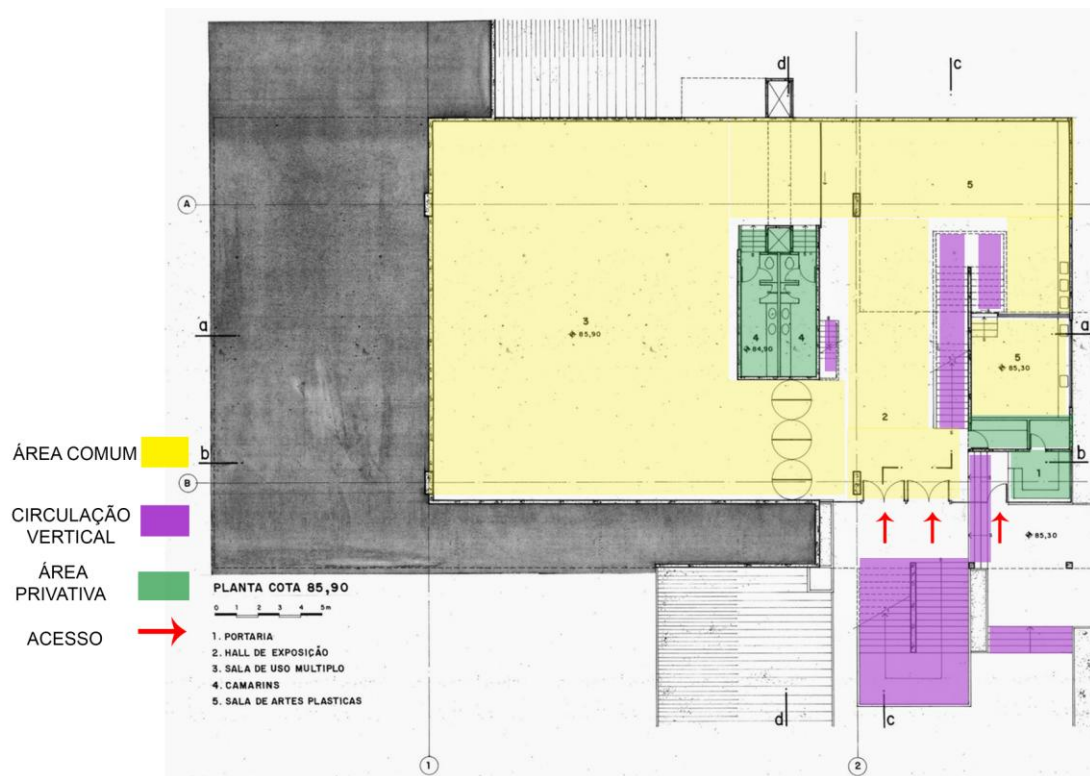
Figura 7: Concreto aparente



Fonte: Shieh Shueh Yau e Gustavo Neves da Rocha Filho 2017

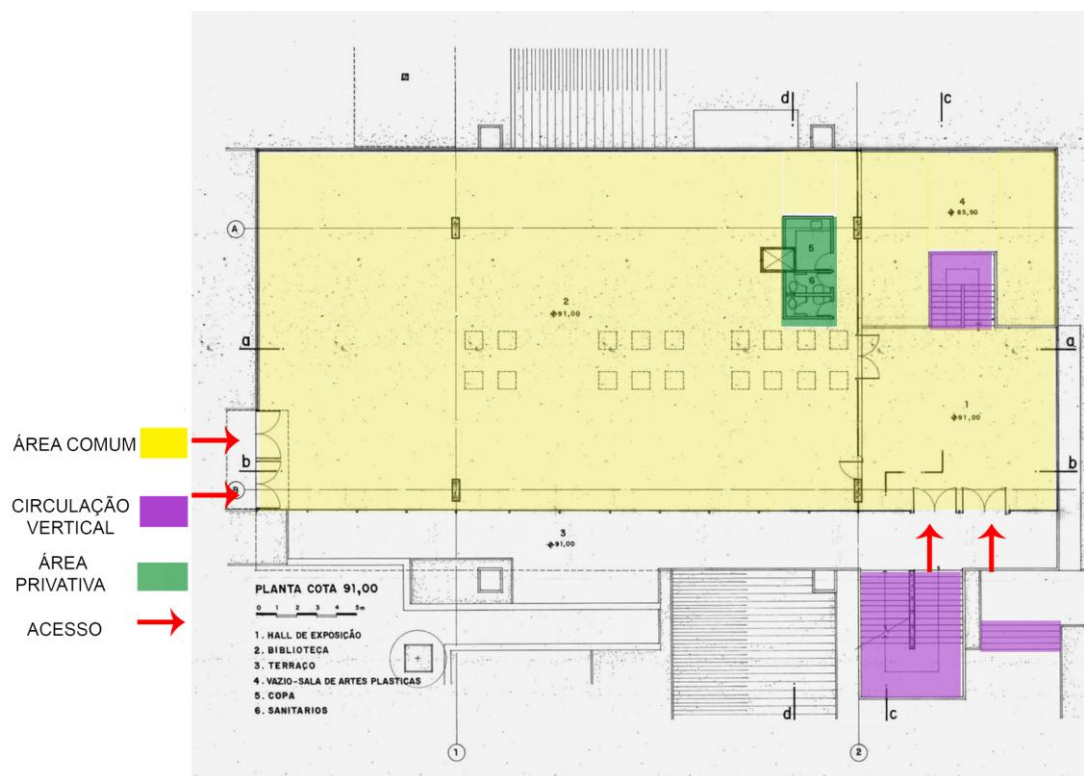
O pavimento térreo (Figura 8) possui acesso principal, com portaria e hall expositivo ao lado, onde a pessoa já entra em contato com o movimento da arte e já sente o que o lugar tem a oferecer, gerando interesse e curiosidade para os próximos ambientes. Neste andar com camarins inseridos na sala de uso múltiplos abre-se um leque de oportunidades para apresentação de diversas expressões artísticas com um local preparado para receber tanto no espaço quanto no camarim específico dos artistas se prepararem. Uma sala ampla de artes plásticas também permite o uso de diversas formas de expressão plásticas e materiais, conseguindo atingir públicos diferentes ao mesmo tempo. Segundo a planta nota-se que não existem corredores de circulação, deixando em liberdade os caminhos possíveis de acesso entre a sala de uso múltiplo, de artes plásticas e o hall de entrada. Nem mesmo os acessos privativos são feitos através de corredores. Os caminhos determinantes são os verticais, que levam até os pavimentos acima e também um pequeno jogo de níveis causados pelo terreno.

Figura 8: Planta baixa pavimento térreo



Fonte: Shieh Shueh Yau e Gustavo Neves da Rocha Filho 2017

Figura 9: Planta baixa primeiro pavimento

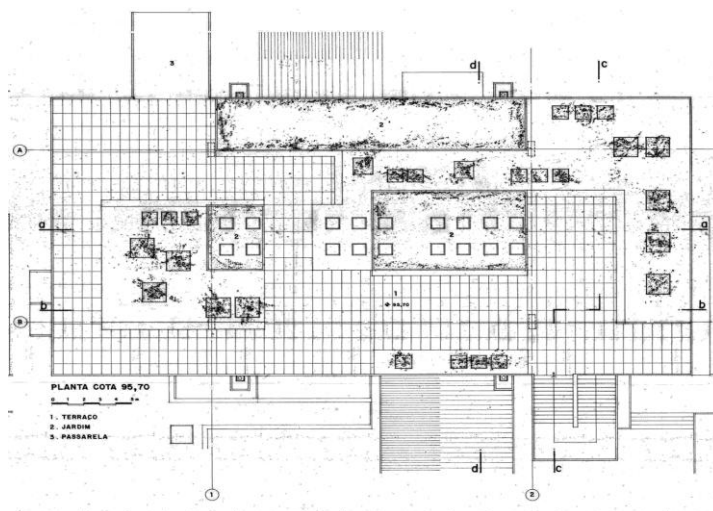


Fonte: Shieh Shueh Yau e Gustavo Neves da Rocha Filho 2017

O primeiro pavimento (Figura 9) também possui acesso do exterior para a edificação devido a implantação no terreno, com o hall de exposição que se repete com o acesso pela escada e uma biblioteca extensa que permite um acesso direto. Esse pavimento conta com copa e sanitários e um terraço que também permite a contemplação da edificação, da natureza e do entorno. Da mesma forma que o térreo, o primeiro pavimento também não possui caminhos determinantes, as áreas comuns são livres favorecendo o uso.

O último pavimento (Figura 10) se encontra o terraço com a passarela e a escada de acesso, que conecta ao restante da edificação.

Figura 10: Planta baixa segundo pavimento



Fonte: Shieh Shueh Yau e Gustavo Neves da Rocha Filho 2017

O Centro Cultural do Jabaquara, além da biblioteca pública (Figura 11) que é muito conhecida, desenvolve atividades de cunho didático e informativo, palestras e exposições, de artes cênicas, música, teatro, projeção de filmes e ensino de artes plásticas e de fotografia. Oferecem também cursos de culinária, artesanato e outros que são dedicados à comunidade do bairro de forma que ajuda na economia e desenvolvimento local.

Figura 11: Vista externa da biblioteca pública



Fonte: Shieh Shueh Yau e Gustavo Neves da Rocha Filho 2017

Em outros países também podemos ver a aplicabilidade do centro, como em Santiago no Chile, com o Centro Cultural El Tranque (Figura 12). O projeto foi criado com fim de exibir o caráter público para uma comunidade residencial em crescimento que não possuía nenhuma infraestrutura pública desse tipo.

Figura 12: Centro Cultural El Tranque



Fonte: Centro Cultural El Tranque / BiS Arquitectos 2017

O sentido cultural começa na implantação do projeto, com um vazio central (Figura 13) que tem a intenção livre e cotidiana, com alguns observadores e outros atuantes, uma forma de expressão cultural. Esse vazio ressalta os dois volumes opostos (Figura 14), onde um lado apresenta uma obra que convida e acolhe o visitante, rígido como se tivesse raízes, e o outro lado com um volume suspenso contemporâneo e ousado.

Figura 13: Vazio central



Fonte: Centro Cultural El Tranque / BiS Arquitectos 2017

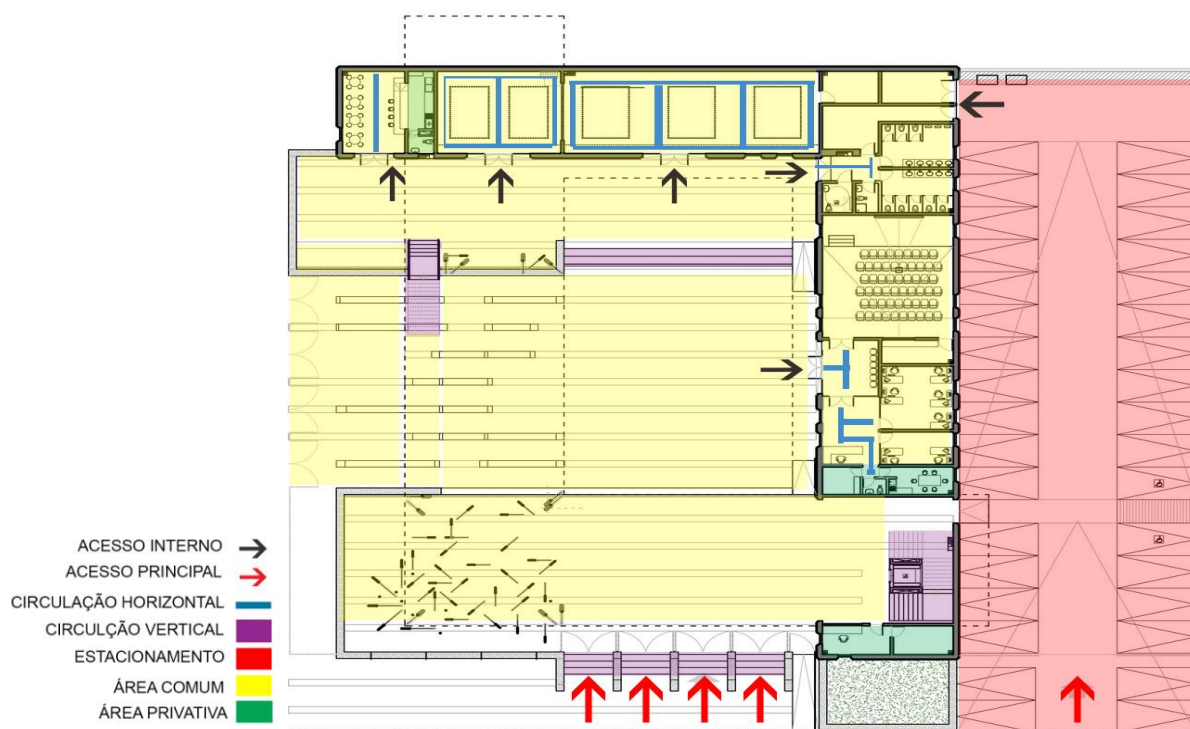
Figura 14: Volume apoiado e suspenso



Fonte: Centro Cultural El Tranque / BiS Arquitectos 2017

Seguindo nesse pensamento, os blocos recebem programas diferentes. O pavimento térreo (Figura 15) encontra-se com as atividades mais públicas, como auditório, sala de exposições, cafeteria, sanitários, copa e acesso a praça. O acesso ao terreno é pelo estacionamento e portão principal, como indicados na planta. A circulação pelo vazio é livre onde existem os acessos secundários para as salas. Existem bancos nas áreas livres que servem de espera e lazer, os mobiliários são indefinidos, o que os torna mais interessantes e menos perceptíveis não modificando a paisagem criada. Os pilares que sustentam parte do pavimento superior fazem um jogo artístico e se torna um atrativo na fachada frontal. Poucas áreas são destinadas a funcionários nesse pavimento, a maior parte é comum e as circulações interiores são objetivas, de forma que as pessoas não ficam confusas para encontrar o que procuram. A circulação vertical leva ao próximo pavimento e também atendem aos poucos desníveis do terreno, que elevam levemente a edificação do nível da rua.

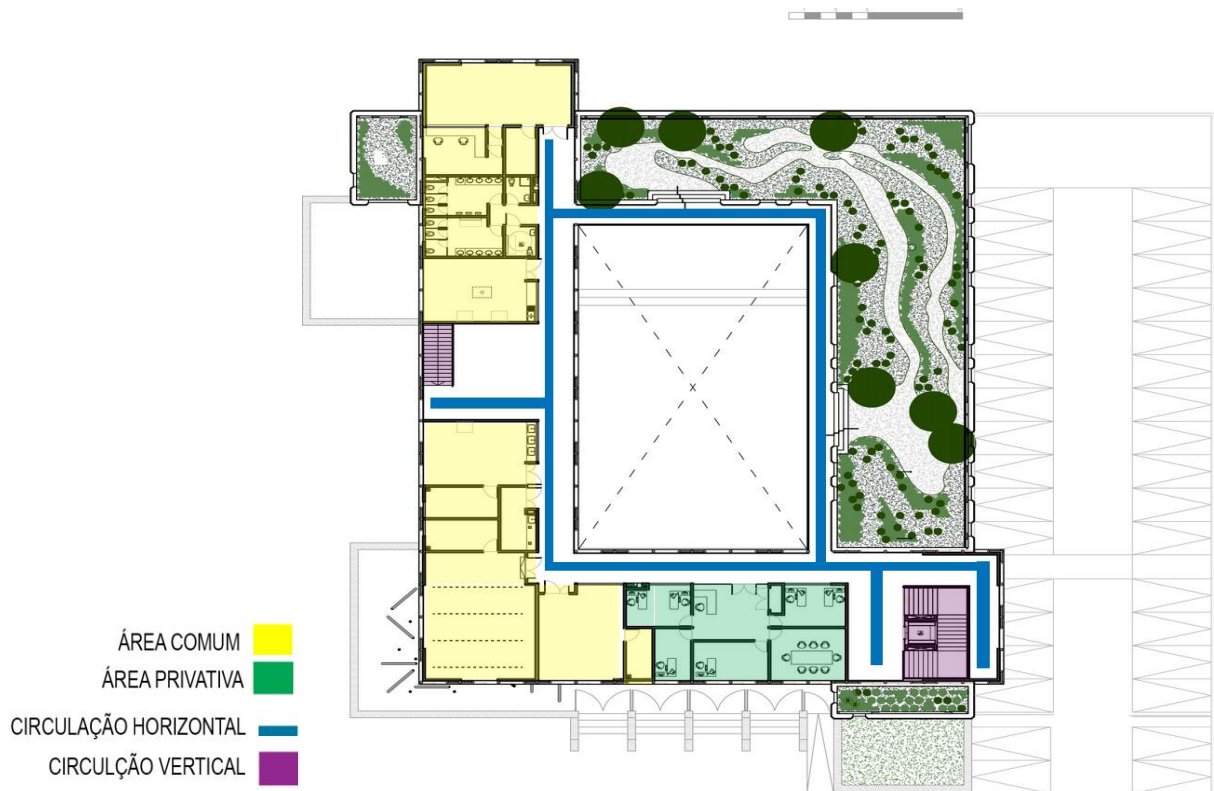
Figura 15: Planta baixa pavimento térreo



Fonte: Centro Cultural El Tranque / BiS Arquitectos 2017

No segundo pavimento (Figura 16) estão as áreas de formação como oficinas de artes musicais, plásticas, cênicas, culinárias, etc. Neste pavimento também se encontra o terraço jardim, com espaço agradável que difere do vazio central do pavimento térreo, remetendo ao conceito do volume novamente. A circulação horizontal percorre os corredores que dão acessos as áreas comuns e privadas, também ao terraço jardim. A parte administrativa da edificação se encontra próxima ao acesso pela circulação vertical que fica na entrada do prédio para que os funcionários não precisem circular toda a edificação todos os dias, deixando de mais fácil acesso caso alguém precise encontrar e contatar o setor administrativo. Nessa área também existe o elevador permitindo acessibilidade. O outro acesso vertical é pelo meio do vazio, que divide a área comum melhorando e setorizando o fluxo.

Figura 16: Planta baixa primeiro pavimento



Fonte: Centro Cultural El Tranque / BiS Arquitectos 2017

No Vietnã o projeto do Kontum Indochine Café (**Figura 17**) virou destaque pelos materiais inovadores usados no setor de refeitório. O complexo hoteleiro percorre o rio e a ideia principal do refeitório é de fazer com que as pessoas se sintam conectadas com a natureza.

Figura 17: Kontum Indochine Café



Fonte: Vo Trong Nghia Architects 2013

A planta retangular é cercada por um lago artificial (Figura 18), não havendo vedações, o clima é agradável devido aos elementos da natureza, água e o elevado telhado coberto por painéis de plástico com fibra e palha. Os painéis sintéticos translúcidos são espalhados no teto para proporcionar luz natural. Esse telhado é suportado por uma estrutura de bambu pura que foi pensado para guiar os ventos para dentro da edificação sem que fique desconfortável em épocas com maior ventilação (Figura 19). O resultado de todas essas escolhas dispensa a ventilação artificial e ainda proporciona um ambiente agradável de convivência.

Figura 18: Lago artificial e aberturas



Fonte: Vo Trong Nghia Architects 2013

Figura 19: Telhado e estrutura de sustentação



Fonte: Vo Trong Nghia Architects 2013

4. CONCLUSÃO

Analizando as potencialidades de um Centro Social, Cultural e Recreativo ligadas à cidade turística de Alto Caparaó, o projeto proposto tem a acrescentar e unir os tópicos cultura, sustentabilidade e turismo. O foco social e cultural melhora

relevantemente uma comunidade voltada ao comércio interno, ao café e ao turismo, para que a qualidade de vida seja agradável e exista uma melhor prestação de serviço nessas áreas onde a cidade pode se destacar na região. A inserção de uma edificação tão imponente gera impacto, principalmente em uma cidade conhecida pela natureza, a ideia da sustentabilidade de pensar em longo prazo, diminuir os impactos atualmente e favorecer o meio ambiente também serve de atrativo uma vez que a realidade do desperdício e dos materiais agressivos é comum na região. Depois desses pontos analisados só resta acrescentar ao turismo, que busca mais opções de lazer e atividades, permitindo um conhecimento mais específico da cultura municipal e regional.

5. REFERÊNCIAS

Alto Caparaó - MG. 2018. Google Maps. Google. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Alto+Capara%C3%B3+-+MG/@-20.457112,-41.9504137,12z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xbba862154a5b09:0xbb6a8356806a54c1!8m2!3d-20.4667289!4d-41.8700097>>. Acesso em: junho/ 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.** Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001.

CÂNDIDO, Stella de Oliveira. Arquitetura Sustentável. **questão de bom senso.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 13, n. 147.02, Vitruvius, ago. 2012 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.147/4459>>.

"Centro Cultural El Tranque / BiS Arquitectos" [El Tranque Cultural Center / BiS Arquitectos] 11 Fev 2018. ArchDaily Brasil. (Trad. Brant, Julia) Acessado 12 Jul 2018. <<https://www.archdaily.com.br/br/887710/centro-cultural-el-tranque-bis-arquitectos>> ISSN 0719-8906

COSTA, Suerda Campos da; SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhhy Cavalcanti . **Diretrizes de sustentabilidade na arquitetura. Percepções e usos na cidade de Natal.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 09, n. 098.04, Vitruvius, jul. 2008 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.098/127>>.

DEFLEUR, Melvin L. et BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1993

FERNANDEZ, P. **A arquitetura e a problemática ambiental.** Palestra no PROARQ/ UFRJ, na disciplina Tópicos Especiais em CAEE. Sustentabilidade: Outras Visões. Coord. Prof^a: Cláudia Barroso-Krause. 2002.

FERREIRA, Maria Cristina Portugal et al. **Educação Patrimonial/IPHAN.** Brasília, 06 a 08 de maio de 1997. 6 p.

ICMBio Parque Nacional do Caparaó, 2018. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnacaparao/>>. Acesso em: junho/ 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/alto-caparao/panorama>> Acesso em: Março/2018.

KOLHER, André Fontan; DURAND, José Carlos Garcia. **Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências.** Turismo Visão e Ação, vol.9 n.2, maio/agosto 2007.

"Kontum Indochine Café / Vo Trong Nghia Architects" [**Kontum Indochine Café / Vo Trong Nghia Architects**] 07 Ago 2013. ArchDaily Brasil.

MAGRINI, A. **Metodologia de Avaliação de Impacto Ambiental. O caso das Usinas Hidrelétricas.** Tese em Doutorado em Administração COPPEAD/ UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

ONU; COMISSÃO BRUNDTLAND. **Nosso futuro comum. Comissão Mundial para o meio ambiente e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

PERINOTTO, Andre Riani Costa; SANTOS, Anna Karolina Pereira dos. **Patrimônio cultural e turismo: um estudo de caso sobre a relação entre a população parnaibana e o Complexo Porto das Barcas.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. v.5, n.2, p.201-225, ago. 2011

Prefeitura Municipal de Alto Caparaó, 2018. Disponível em: <<http://www.altocaparao.mg.gov.br/imagens/parque-nacional-do-caparao.html>>. Acesso em: junho/ 2018.

SILVA, Michel. LOPES, Pricylla. XAVIER, Sérgio Henrique. **Acesso a Lazer Nas Cidades do Interior: Uma Olhar Sobre Projeto CINE SESI Cultural.** São Paulo:UAM/SP, 2009.

ROMERO, M. A. B. **Princípios Bioclimáticos para o desenho urbano.** São Paulo: Pro Editores, 2000.

Shieh Shueh Yau e Gustavo Neves da Rocha Filho. **"Clássicos da Arquitetura: Centro Cultural Jabaquara / Shieh Arquitetos Associados"** 01 Mai 2017. ArchDaily Brasil.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental.** (v.1). Tradução de Margarete Dias Pulido. São Paulo: Aleph, 2000.

ZAMBRANO, L. M. A. **Integração dos Princípios da Sustentabilidade ao Projeto de Arquitetura.** Rio de Janeiro. UFRJ / FAU / PROARQ, 2008.

ZAMBRANO, L. M. A. **Projeto de conjuntos habitacionais populares à luz do Desenvolvimento Sustentável.** Material didático da disciplina de Projeto para habitações de Baixa Renda/ UFJF. 2007.